

Sexualidade e Relações de Gênero 3

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Solange Aparecida de Souza Monteiro

(Organizadora)

Sexualidade e Relações de Gênero

3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
S518	Sexualidade e relações de gênero 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Sexualidade e Relações de Gênero; v. 3) Formato: PDF Requisito de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-609-6 DOI 10.22533/at.ed.096190609 1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série. CDD 306.7
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Talvez você já saiba o que são “relações de gênero”, talvez não. Para começarmos, é importante que saibamos do que estamos falando. A palavra “gênero” tem um uso muito variado. Em ambientes escolares, por exemplo, é comum que professores que trabalham com língua portuguesa falem de diferentes gêneros linguísticos ou textuais. Também falamos de gênero de música que gostamos; e, quando vamos ao cinema, escolhemos o gênero de filme que preferimos (comédia, drama, suspense, terror etc.). Aqui falaremos de outro conceito de gênero, mais especificamente trataremos de relações de gênero. palavra gênero designa as várias possibilidades construídas dentro de uma cultura específica de nos reconhecermos como homens ou mulheres. Assim, ser homem e mulher pode variar sensivelmente dependendo da época, do lugar e ainda dos valores sociais que norteiam as interações dos indivíduos numa dada sociedade. Falamos sempre de relações de gênero porque entendemos que a construção do feminino e do masculino acontece de forma relacionada e interdependente. É isso que vamos discutir. Nesse sentido, pensar como a condição juvenil também se expressa numa perspectiva de gênero, visto que os meninos e as meninas são interpelados a se afirmarem como homens e mulheres ao incorporarem atributos considerados masculinos ou femininos na cultura em que vivem. E isso tem tudo a ver com sexualidade e vivência das experiências sexuais. Papo que interessa muito aos jovens, não é mesmo?!

Em termos de políticas públicas, a partir da primeira década do século XXI, se intensificaram, em diversas áreas, iniciativas que contemplam o olhar dos direitos humanos e sexuais. Diante de tais iniciativas e outras conquistas da atuação do movimento civil, surge o discurso de tolerância e respeito às diversidades sexuais, que ganham cada vez mais visibilidade, em contraponto ao obscurantismo a que estavam submetidas outrora. Assuntos relacionados à sexualidade sempre foram vistos com muita cautela na escola. Desde formalizada sua inserção nesta instituição por meio do currículo, se deu o questionamento sobre os limites do público e do privado no que se refere ao sexo, o que tornou necessária uma série de ajustamentos para que este pudesse ser discutido no ambiente escolar. “As diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que formas de discrição é exigida a uns e outros” (FOUCAULT 1976/1999, p. 30) são questões que estão em jogo quando se trata da sexualidade. Não é somente por meio dos conteúdos curriculares formais que a sexualidade permanece na escola, mas está presente em diversas práticas pedagógicas, assim como em vivências de socialização que ocorrem neste espaço. Contextos historicamente construídos e conjunturas sócio-políticas estão imbricadas nas relações, práticas e discursos institucionais em que se tecem relações de poder, configurando um espaço singular no qual estão inseridos alunas e alunos. As maneiras como a escola, a família e a sociedade lidam com determinadas questões

influenciam na construção de queixas escolares que desabrocham como se fossem unicamente do sujeito que a veicula, mas no entanto são reveladoras de determinado contexto social e escolar. Assim, a sexualidade e, indissociadamente a esta, as relações de gênero, estão presentes nas diversas dimensões do cotidiano, e têm interfaces pedagógicas e psíquicas relacionadas à produção de queixas escolares. Nessa perspectiva, o sexo biológico (ou o corpo concreto) é apenas a definição das características corporais primárias e secundárias. Não são negadas as diferenças biológicas entre mulheres e homens, apenas consideram nas uma condição, e não uma limitação aos papéis sociais a serem desempenhados. Logo, gênero é uma categoria relacional, fruto de identificações subjetivas com determinado conjunto de papéis sociais, internalizados durante a vida, com significados de caráter histórico e social. Nessa perspectiva, a sexualidade pode ser compreendida como a expressão de sentimentos, desejos e prazeres, interpelados aos significados intersubjetivos que os sujeitos estabelecem a estes. Já as abordagens essencialistas consideram o sexo biológico como determinante do sujeito, ou seja, acreditam que as características relacionadas ao comportamento feminino/masculino e a sexualidade são definidas pelo sexo anatômico e combinam-se com este de maneira imutável. Uma compreensão essencialista do sexo “procura explicar os indivíduos como produtos automáticos de impulsos internos” (WEEKS, 1999, p. 40). Nessa perspectiva, o sujeito que não cumpre o que é suposto determinado biologicamente, é, então, compreendido como desviante ao que seria natural. Das práticas pedagógicas curriculares, observa-se que normalmente a discussão acerca da sexualidade na escola se restringe a aulas específicas, de biologia ou educação sexual, e é abordada de maneira essencialista, focalizando a anatomia dos corpos de mulheres e homens. A prevenção de doenças sexualmente transmissíveis nas práticas heterossexuais e a reprodução humana são os principais temas, frequentemente ignorando outras dimensões da sexualidade, como o desejo e o prazer. Geralmente cinde-se a sexualidade dos aspectos práticos da vida e adequa-se a linguagem, conferindo à abordagem um formato cientificista.

Do mesmo modo, as diversas formas de expressar feminilidades e masculinidades precisam ser reconhecidas. A escola pode ser um dos lugares de alternativa ao modelo tradicional das relações de gênero, construindo e legitimando diversas possibilidades de vivência de gênero já desde a Educação Infantil, e assim contribuir para a promoção da liberdade e da diversidade nos âmbitos sexuais e de gênero, tanto no que se refere ao desenvolvimento individual quanto à formação para criticidade e transformação social. Demarcações de gênero não ocorrem somente na escola, mas também em outros espaços, como exemplo, na clínica, em que o psicólogo normalmente é tendencioso nas escolhas de brinquedos e materiais levados às sessões. Em tais circunstâncias, o profissional precisa estar atento aos limites do que está produzindo: um espaço de acolhimento, na tentativa de produzir um ambiente confortável à criança atendida que provavelmente já internalizou determinadas exigências de gênero do meio; e/ou uma situação que acaba operando

como coerção/ajustamento de gênero. As representações das relações de gênero e da sexualidade em nossa cultura interceptam a escola enquanto instituição, constituindo uma significação característica sobre gênero e sexualidade no contexto institucional escolar. Assim, a escola tem uma história com o controle dos corpos e a sexualidade que precisa ser levada em conta em suas interfaces sociais e políticas, para a análise no que tange as queixas escolares. A aluna e o aluno também têm uma história escolar, produzida na intercepção com os diversos funcionamentos institucionais. Ainda, ocupam lugares específicos e tecem relações singulares que se estabelecem no contexto da queixa em questão, produzindo situações únicas. A queixa escolar emerge, então, em determinado contexto, e é possível que haja uma dimensão no âmbito da sexualidade e do gênero a ser compreendida. Assim, ao compreender as dimensões individuais, sociais e políticas da queixa, o psicólogo pode atuar no sentido de fortalecer as potencialidades do indivíduo e de sua rede de relações frente às situações adversas. Além disso, a clínica pode ser um lugar de acolhimento para a dor do preconceito e expressividade de identidades marginalizadas em outros espaços. Na instituição escolar, é importante e imprescindível que os profissionais da educação contribuam na discussão sobre homofobia e sexismo, preconceitos que, mesmo em suas manifestações mais sutis, têm sido relevantes nas histórias escolares de diversas crianças e jovens.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
SABERES E DILEMAS SOBRE SEXO E SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE	
<i>Solange Aparecida de Souza Monteiro</i>	
<i>Paulo Rennes Marçal Ribeiro</i>	
<i>Valquíria Nicola Bandeira</i>	
<i>Carlos Simão Coury Corrêa</i>	
<i>Andreza de Souza Fernandes</i>	
<i>Isabel Cristina Correa Cruz</i>	
<i>Fernando Sabchuk Moreira</i>	
<i>Ana Paula Sabchuk Fernandes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906091	
CAPÍTULO 2	14
A CONTRIBUIÇÃO DAS METODOLOGIAS ATIVAS PARA FORTALECER O DIÁLOGO COM OS ADOLESCENTES SOBRE A SEXUALIDADE	
<i>Betânia Maria de Oliveira Amorim</i>	
<i>Luiza Maria Alfredo</i>	
<i>Maria Renally Braga dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906092	
CAPÍTULO 3	26
“AQUELA FOTO EM QUE ESTOU DE DOUTORA”: MEMÓRIAS DE MULHERES SOBRE INFÂNCIA E ESCOLARIZAÇÃO NO MARANHÃO NAS DÉCADAS DE 1950/1960	
<i>Tatiane da Silva Sales</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906093	
CAPÍTULO 4	37
A BRANQUITUDE COMO PRIVILÉGIO NOS MOVIMENTOS FEMINISTAS! O LUGAR DA MULHER BRANCA NA LUTA POR IGUALDADES RACIAIS E DE GÊNERO	
<i>Rafaela Mezzomo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906094	
CAPÍTULO 5	48
A INSTAURAÇÃO CÊNICA “CORPO LIVRE”	
<i>Tiago Herculano da Silva</i>	
<i>Nara Graça Salles</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906095	
CAPÍTULO 6	60
A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES EM CRIMES CONTRA O PATRIMÔNIO: ANÁLISE DE PROCESSOS CRIMINAIS	
<i>Valdemir Paiva</i>	
<i>Claudia Priori</i>	
DOI 10.22533/at.ed.0961906096	

CAPÍTULO 7 70

A PESSOA TRAVESTI E A/O PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM: PERCEPÇÃO DE HUMANIZAÇÃO E DO RESPEITO À EXPRESSÃO E IDENTIDADE DE GÊNERO

Carle Porcino

Cleuma Sueli Santos Suto

Dejeane de Oliveira Silva

José Andrade Almeida Junior

Maria Thereza Ávila Dantas Coelho

Jeane Freitas de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.0961906097

CAPÍTULO 8 85

A PRÁTICA RECREATIVA DO *MOUNTAIN BIKE* NO INTERIOR DE MINAS GERAIS: LAZER, NATUREZA E DOMÍNIO DOS HOMENS

Fabiana Duarte e Silva

Francielle Pereira Santos

Ludmila Nunes Mourão

Marília Martins Bandeira

DOI 10.22533/at.ed.0961906098

CAPÍTULO 9 95

A SAÚDE DO HOMEM NA PERSPECTIVA DA SEXUALIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Alana Maiara Brito Bibiano

Janaína Paula Calheiros Pereira Sobral

Marília Martina Guanaany de Oliveira Tenório

Nívia Madja dos Santos

Roberto Firpo de Almeida Filho

Taíse Gama dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.0961906099

CAPÍTULO 10 102

AÇÕES DE PROMOÇÃO À SAÚDE DE UMA EQUIPE INTERDISCIPLINAR EM UM GRUPO DE HOMENS: O DESPERTAR PARA O AUTOCUIDADO

Marília Martina Guanaany de Oliveira Tenório

Alana Maiara Brito Bibiano

Janaína Paula Calheiros Pereira Sobral

Roberto Firpo de Almeida Filho

Taíse Gama dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.09619060910

CAPÍTULO 11 107

NA FRONTEIRA ENTRE A FEMINILIDADE E A MASCULINIDADE: MULHERES E AS TENSÕES DOS PADRÕES DE GÊNERO NA FÍSICA

Kariane Camargo Svarcz

DOI 10.22533/at.ed.09619060911

CAPÍTULO 12 119

ECONOMIA SOLIDÁRIA: ECONOMIA DE MULHER?

Maria Izabel Machado

DOI 10.22533/at.ed.09619060912

CAPÍTULO 13	135
EDUCAÇÃO E CINEMA: DEBATES SOBRE SUJEITOS SOCIAIS, FEMINISMOS E CONSTRUÇÃO DE MASCULINIDADES	
<i>Lucas Leal</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060913	
CAPÍTULO 14	152
E AGORA EDUCADOR/A? O WILLIAM PEGOU MINHA BONECA PARA BRINCAR!	
<i>Guilherme de Souza Vieira Alves</i>	
<i>Marcia Cristina Argenti Perez</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060914	
CAPÍTULO 15	162
ENTRE A ESCRAVIDÃO SEXUAL E O ESTUPRO: UMA ANÁLISE DA PROSTITUIÇÃO COMO INSTRUMENTO DA DOMINAÇÃO MASCULINA	
<i>Caroline dos Santos Coelho</i>	
<i>Alessandra Benedito</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060915	
CAPÍTULO 16	171
ESCOLA SEM PARTIDO E EDUCAÇÃO SEM CRITICIDADE: A QUEM SERVE?	
<i>Lana Cláudia Macedo da Silva</i>	
<i>Ana de Luanda Borges Braz da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060916	
CAPÍTULO 17	178
ESCRITAS DE SI E POLÍTICAS DE AGÊNCIA: ARTEVISMOS POÉTICOS DE MULHERES NEGRAS	
<i>Anni de Novais Carneiro</i>	
<i>Laila Andresa Cavalcante Rosa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060917	
CAPÍTULO 18	185
EXPOSTAS À VIOLÊNCIA POR SEREM MULHERES E AMAREM DEMAIS	
<i>Paula Land Curi</i>	
<i>Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060918	
CAPÍTULO 19	194
EXPERIÊNCIAS DE CUIDADO VIVIDAS POR MULHERES ACOMPANHANTES DE DOENTES ONCOLÓGICOS	
<i>Eduardo da Silva</i>	
<i>Marlene Tamanini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060919	
CAPÍTULO 20	206
FEMINILIDADE E CÂNCER DE MAMA: O QUE PODE A MULHER?	
<i>Aline Barrada de Assis</i>	
<i>Fabírcia Rodrigues Amorim Aride</i>	

DOI 10.22533/at.ed.09619060920

CAPÍTULO 21 219

GÊNERO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NA ÁREA DE SERVIÇO SOCIAL

Ângela Kaline da Silva Santos

Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida

Lucicleide Cândido dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.09619060921

CAPÍTULO 22 230

NEGAÇÃO AO ACESSO AO ABORTO: PODER E VIOLÊNCIAS

Ivana Maria Fortunato de Barros

Paula Land Curi

Jaqueline de Azevedo Fernandes Martins

DOI 10.22533/at.ed.09619060922

CAPÍTULO 23 242

PRÁTICAS EDUCATIVAS FEMINISTAS COMO SUBSÍDIO AO ENFRENTAMENTO À CULTURA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Ângela Maria Simão Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.09619060923

CAPÍTULO 24 252

RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: PERCEPÇÕES DE ESTAGIÁRIOS (AS) DO CURSO DE PEDAGOGIA

Jussara Silva da Costa

Polena Valesca de Machado e Silva

DOI 10.22533/at.ed.09619060924

CAPÍTULO 25 264

DISCUSSÕES ACERCA DO DISCURSO MIDIÁTICO CONTEMPORÂNEO: A FABRICAÇÃO DO CORPO MAGRO NA REVISTA ANAMARIA

Suélem do Sacramento Costa de Moraes

Bárbara Hees Garré

DOI 10.22533/at.ed.09619060925

CAPÍTULO 26 271

SEXUALIDADE E ESCOLA: O DESENVOLVIMENTO DA SEXUALIDADE INFANTIL A PARTIR DA PSICANÁLISE

Jaqueline Tubin Fieira

Franciele Lorenzi

Giseli Monteiro Gagliotto

DOI 10.22533/at.ed.09619060926

CAPÍTULO 27 283

NEM CAPRICHOS, NEM BELEZA: REFLEXÕES SOBRE ARTE E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Francielen Leandro Apolinário

Evelly Paat Sampaio da Silva

Elisângela Martins

DOI 10.22533/at.ed.09619060927

CAPÍTULO 28 291

PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DA EJA SOBRE O AUMENTO DA INFECÇÃO DO VÍRUS HIV

Evaldo Batista Mariano Júnior

Maria Aparecida Algusto Satto Vilela

Valeska Guimarães Rezende da Cunha

DOI 10.22533/at.ed.09619060928

CAPÍTULO 29 311

UM BREVE PERCURSO SOBRE A POSIÇÃO SOCIAL DA MULHER

Libna Pires Gomes

Paula Land Curi

Ivana Maria Fortunato de Barros

DOI 10.22533/at.ed.09619060929

CAPÍTULO 30 321

SUBJETIVIDADE LÉSBICA: A SUTILEZA LEGITIMADA PELO SILÊNCIO SOCIAL

Mariluce Vieira Chaves

DOI 10.22533/at.ed.09619060930

CAPÍTULO 31 331

VAMOS COMBINAR? ADOLESCÊNCIA, JUVENTUDE E DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS – UMA EXPERIÊNCIA EM MANAUS

Daniel Cerdeira de Souza

Tirza Almeida da Silva

Sônia Maria Lemos

Eduardo Jorge Sant'Ana Honorato

DOI 10.22533/at.ed.09619060931

CAPÍTULO 32 336

A EDUCAÇÃO SEXUAL NO CONTEXTO BRASILEIRO, EM PAÍSES EUROPEUS, ASIÁTICOS E LATINO - AMERICANOS

Solange Aparecida de Souza Monteiro

Paulo Rennes Marçal Ribeiro

Valquiria Nicola Bandeira

Carlos Simão Coury Corrêa

Andreza de Souza Fernandes

Carlos Simão Coury Corrêa

Isabel Cristina Correia Cruz

Fernando Sabchuk Moreira

Ana Paula Sabchuk

DOI 10.22533/at.ed.09619060932

CAPÍTULO 33 348

VELHICE E SEXUALIDADE: UM ESTUDO SOBRE A SÉRIE “GRACE AND FRANKIE”

Fabíola Calazans

Vanessa Santos de Freitas

DOI 10.22533/at.ed.09619060933

CAPÍTULO 34	360
O MASCULINO E O FEMININO: DOS CONCEITOS FILOSÓFICOS AO CAPITALISMO FALOCÊNTRICO	
<i>Fabiana Nogueira Chaves</i>	
<i>Maurício Pimentel Homem de Bittencourt</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060934	
CAPÍTULO 35	370
GÊNERO E DIAGNÓSTICO EM SAÚDE MENTAL: QUE RELAÇÃO É ESSA?	
<i>Muriel Closs Boeff</i>	
<i>Tatiana Souza De Camargo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060935	
CAPÍTULO 36	376
LILITH E EVA: AS DUAS MULHERES ANTAGONICAS NO SISTEMA RELIGIOSO	
<i>Bruno Schwabenland Ramos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060936	
CAPÍTULO 37	387
O CORPO DO BRASIL NO JOGO DA VIDA	
<i>Lucia Maria Felipe Alves</i>	
DOI 10.22533/at.ed.09619060937	
SOBRE A ORGANIZADORA	401
ÍNDICE REMISSIVO	402

GÊNERO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NA ÁREA DE SERVIÇO SOCIAL

Ângela Kaline da Silva Santos

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa - PB

Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida

Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Serviço Social, João Pessoa - PB

Lucicleide Cândido dos Santos

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa - PB

RESUMO: Esse trabalho objetiva analisar criticamente o processo de produção do conhecimento do serviço social sobre gênero entre os anos de 1982 a 2010. Para tanto, dentro do universo de 183 dissertações vinculadas à área de concentração da Política Social, foram analisados 17 obras que abordam gênero no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social/UFPB. Tipifica-se de uma pesquisa bibliográfica embasada na metodologia do estado da arte. O presente estudo realizou-se a partir de três indicadores de análises, a saber: temáticos, palavras-chave e áreas de conhecimento. A perspectiva teórico-metodológica adotada é o materialismo histórico-dialético. Dentre os principais resultados no universo das 183 (78,2%) dissertações vinculadas a área de concentração da Política Social, constatou-

se que a categoria temática gênero aparece como a quarta categoria mais estudada, representando 17 (9,2%) das obras. Conclui-se que, dentro do total das dissertações analisadas a temática gênero é um objeto investigativo pouco estudado no PPGSS/UFPB.

PALAVRAS-CHAVE: Produção do Conhecimento. Serviço Social. Gênero.

GENDER AND KNOWLEDGE PRODUCTION IN THE SOCIAL SERVICE AREA

ABSTRACT: This paper aims to critically analyze the process of knowledge production of social service on gender between the years 1982 to 2010. To do so, within the universe of 183 dissertations linked to the area of concentration of Social Policy, were analyzed 17 works that address gender in the Post-Graduation Program in Social Work / UFPB. It typifies a bibliographical research based on the methodology of the state of the art. The present study was carried out from three analysis indicators, namely: thematic, keywords and areas of knowledge. The theoretical-methodological perspective adopted is historical-dialectical materialism. Among the main results in the universe of 183 (78.2%) dissertations linked to the area of concentration of Social Policy, it was verified that the thematic category of gender appears as the fourth most studied category, representing 17 (9.2%) of the

works . It is concluded that, within the total of the analyzed dissertations, the gender theme is an investigative object little studied in the PPGSS / UFPB.

KEYWORDS: Knowledge Production. Social Service. Genre.

1 | INTRODUÇÃO

Em termos introdutórios, indica-se que a produção do conhecimento no Serviço Social, através das Dissertações de Mestrado Acadêmico produzidas pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social/UFPB foi analisada a partir da conjuntura de crise do capitalismo tardio e suas inflexões que demarcam novas demandas e desafios postos à sociedade.

Acresce-se que a adoção da metodologia do estado da arte, permitiu deslindar e mapear as tendências adensadas nas produções das Dissertações defendidas na área de Política Social do Programa de Pós-graduação/UFPB que abordam a categoria gênero no recorte temporal de 1982 a 2010. Para tanto, dentro de um total de 183 dissertações vinculadas à área de concentração da Política Social, foram analisados as 17 obras que discutem gênero. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica em torno do universo de 183 Dissertações de Mestrado vinculadas à área de concentração retrocitada.

Vale ressaltar que o Programa de Pós-graduação em Serviço Social (UFPB) dispõe de um universo de 234 Dissertações, defendidas entre os anos 1982 a 2010, distribuídas em 183 (78,2%) Dissertações na área da Política Social e 51 (21,7%) da área de Fundamentação Teórico-Prática do Serviço Social. Entretanto, este estudo propõe-se a analisar as produções vinculadas à área de Política Social que têm objetos investigativos sobre as questões de gênero.

Este estudo embasa-se teórico e metodologicamente no materialismo histórico-dialético. A coleta dos dados processou-se através da pesquisa bibliográfica e documental das fontes, por via eletrônica. A complementação da coleta de dados ocorreu junto a catálogos de bibliotecas e a consulta eletrônica a catálogos de editoras e livrarias, assim como nos registros das bibliotecas da UFPB (Central e Setorial).

As Dissertações analisadas nessa pesquisa processaram com a utilização do estado da arte. Segundo ROMANOWSKI e ENS (2006, p. 39), as pesquisas são denominadas de estado da arte “[...] quando abrangem toda uma área do conhecimento, nos diferentes aspectos que geraram produções”.

O percurso histórico brasileiro dessas três décadas, contextualizadas pelos influxos da crise do capitalismo em meados da década de 1970, corresponde aos “trinta anos perversos” (1980-2010). Os anos de 1980, embora alcunhados como a “década perdida” em razão dos péssimos indicadores econômicos e sociais, são despontados pela efervescência política, como o processo de redemocratização do país, Movimento das “Diretas Já”, Assembleia Constituinte, promulgação da

Constituição “Cidadã” que balizam conquistas políticas a exemplo da consolidação das políticas sociais na perspectiva da garantia de direitos.

Esse processo de avanço político interrompe-se no contexto da década de 1990 diante das estratégias de enfrentamento da crise do capitalismo mediante a acumulação flexível com foco na financeirização mundial, a ofensiva neoliberal, a precarização do trabalho e a barbárie social, além da pós-modernidade e neopositivismo no campo ídeo-cultural. Esses influxos ganham visibilidade nos governos de FHC, que instaura o Estado neoliberal com o desmonte das políticas sociais, cortes significativos nos gastos sociais e perda de direitos sociais, afora o avanço da ofensiva pós-moderna. Esse processo prossegue nos anos 2000, com a ascensão dos governos petistas, que teóricos definem de neodesenvolvimentismo, modelo híbrido entre crescimento da economia e redistribuição de renda, bem como a expansão da cultura pós-moderna.

Diante dessa realidade, por meio das Dissertações foi possível perceber as contribuições do Serviço Social para compreensão em torno das políticas sociais voltadas a categoria gênero e da realidade do cenário contemporâneo, bem como os seus esforços pela busca de respostas para as demandas que são colocadas para a profissão na sua atuação junto a essa política, as quais também sofrem os ataques mediante aos desmontes de Direitos sociais advindos das sociais contemporâneas.

Tratando da inserção do Serviço Social no campo da produção do saber, os programas de pós-graduação dessa área, através dos grupos de pesquisas, assim como pelos seus meios de divulgação de conhecimentos têm realizado expressivas investigações em torno da temática sobre as políticas de gênero. Todavia, os estudiosos têm concentrado suas preocupações em desenvolver pesquisas sem perder de vista o recorte de classe.

No tocante a realidade do Brasil, dentre as inúmeras investigações em torno da categoria gênero no conjunto das transformações societárias derivadas do conjunto de mudanças no mundo do trabalho, destacam-se os seguintes: O que é gênero da Sílvia Camurça e da Taciana Gouveia; Feminismo e Luta de Classe: história, movimento e desafios teórico-políticos do feminismo na contemporaneidade da Telma Gurgel; Gênero, feminismo e Serviço Social: encontros e desencontros ao longo da história da profissão da Teresa Lisboa, entre outros.

O movimento feminista teve início na França, no ano de 1789, período marcado pela Revolução Francesa. No Serviço Social a temática em curso tem estado presente nas pautas de importantes eventos acadêmicos dessa área de conhecimento, isto, como resultado da inserção e articulação do seguimento feminino no âmbito político frente à efetivação dos seus direitos de cidadania. Em torno das lutas das mulheres pela efetivação e ampliação dos seus direitos humanos, faz-se necessário elucidar, que os movimentos coletivos compostos por mulheres e por aqueles que por questões relacionadas à orientação sexual e identidade de gênero se identificam como tal, têm se apresentado como um importante impulso nos processos de luta pela superação da desigualdade entre os gêneros, etnias, raças e classes sociais. Outro fator que

aparece como um elemento expressivo para tal superação é o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas em torno da temática gênero.

Nessa perspectiva, o presente estudo intenta analisar a produção do conhecimento na área do Serviço Social sobre gênero em torno das influências hegemônicas da Modernidade à emergência da ofensiva pós-moderna. Este estudo realizou-se a partir de três indicadores de análises, a saber: temáticos, palavras-chave e áreas de conhecimento

No Universo das 183 (78,2%) Dissertações vinculadas a área de concentração da Política Social, constatou-se que a categoria temática gênero aparece como a quarta categoria mais estudada, representando 17 (9,2%) das obras defendidas.

No tocante a estrutura do presente trabalho, esse foi organizado em três momentos. No primeiro tratam-se, os aspectos históricos e conceituais da categoria gênero e o feminismo. No segundo, são colocadas as discussões e os resultados em torno da produção do conhecimento do Serviço Social no PPGSS/UFPB, entre os anos de 1982 a 2010. No terceiro, e último momento, colocam-se os apontamentos finais acerca da produção do conhecimento em Serviço Social sobre gênero no contexto do Programa de Pós-graduação em análise.

2 | BREVE HISTÓRICO SOBRE A CATEGORIA GÊNERO E FEMINISMO

Estudar a questão de gênero numa sociedade marcada pelo projeto societário estruturado pelo sistema de produção capitalista, decerto, apresenta-se como uma importante iniciativa pela construção de um modelo de sociabilidade mais justo e igualitário para todos, ou seja, pensar as questões de gênero representa a busca pela superação dos inúmeros desafios que são colocados para as mulheres “[...] dentre eles, o de pensar e viver com clareza e “atitudes de mudança” as questões de gênero” (CAMURÇA; GOUVEIA, 2004, p.7)

Entre os movimentos coletivos contemporâneos que têm nas suas pautas de lutas os direitos da categoria gênero insere-se o movimento feminista, o qual será brevemente abordado no presente debate. Enquanto, ação coletiva composta por feministas e mulheres, este movimento vem ocupando um expressivo papel político nos processos de luta pela igualdade de gêneros, etnias, raças e classes sociais, tendo em vista que, muitas das conquistas alcançadas por grupos de mulheres e LGBTs ao longo dos processos históricos, até a presente data, derivam de uma maior participação desses seguimentos sociais na política, no mercado de trabalho, na educação, entre outros.

Sabendo-se da importância de apreender o real significado de gênero a partir da perspectiva de totalidade, é que este estudo se vale das ideias de importantes pesquisadores desta temática. Em torno do que se compreende sobre a temática gênero, Camurça e Gouveia (2004, p. 11) esclarecem que:

Hoje em dia o movimento de mulheres e alguns setores da nossa sociedade têm falado muito em gênero. Gênero é um conceito útil para explicar muitos comportamentos de mulheres e homens em nossa sociedade, nos ajudando a compreender grande parte dos problemas e das dificuldades que as mulheres enfrentam no trabalho, na vida pública, na sexualidade, na reprodução, na família.

Nessa perspectiva, é importante compreender como as relações de gênero foram estabelecidas historicamente. Nessa perspectiva, pretende-se com este estudo, entender como a sociedade enxergou e, ainda enxerga as feministas e mulheres nos diferentes períodos históricos, para que assim se possa apreender a intrínseca relação existente entre gênero, relações de gênero e o movimento feminista.

Apesar de existir diferença conceitual entre os termos sexo e gênero, estes são interpretados em muitos casos como sinônimos. No entanto, sexo envolve a biologia humana, questões de caráter biológico que se expressam de formas diferenciadas na mulher e no homem por causa de aspectos biológicos, físicos de fêmeas e machos, tal como a gravidez e menstruação que são particularidades biológicas ligadas à mulher. No caso do homem, tem-se a ejaculação enquanto elemento biológico peculiar.

No que se refere à categoria gênero, esta não está ligada as questões biológicas, mas sim, a uma criação da sociedade, por isso tem um caráter sócio-histórico, construída no intuito de estabelecer como “[...] deve ser a relação entre homem e mulher, a relação entre as mulheres e a relação entre os homens. Ou seja, a sociedade cria as relações de gênero” (CAMURÇA; GOUVEIA, 2004, p. 13).

Essas relações estabelecidas, com certeza, representam um reforço para manutenção de uma sociedade embasada, exclusivamente nos parâmetros da discriminação e opressão. A sociedade capitalista nas suas contradições de gerar riqueza e pobreza na mesma proporção tende a elevar ao máximo à injusta e desigualdade, onde a liberdade e as oportunidades não são colocadas para todas as pessoas. Sobre a desigualdade de gênero no contexto atual da sociedade capitalista, Oliveira e Medeiros (2015, p.269) asseveram:

No espaço sócio-histórico atual, a vida cotidiana é permeada pela constante reprodução das formas de opressão e violação dos direitos. Esta situação assume particularidades na vida das mulheres que são alvo da violência em diferentes expressões e da dominação que se realiza historicamente no machismo, no sexismo e na limitação da liberdade e da vivência da diversidade, decorrentes do lugar de inferioridade ocupado pelo gênero feminino em relação ao gênero masculino, resultado das desiguais relações sociais de gênero.

Assim sendo, passa-se a entender gênero como categoria criada pela humanidade. Somos o que aprendemos a ser, a partir do que dizem o que somos na família, na escola, na igreja, entre outras. Nas relações estabelecidas cotidianamente na família, à criança aprende um conjunto de normas sociais. Ela aprende quem é que manda, quem deve obedecer, a quem sempre são atribuídas às atividades domésticas e os cuidados com os filhos e filhas. Ou seja, a familiar aparece como a

primeira instância onde a criança aprende a aceitar e a reproduzir as desigualdades de gênero.

Cabe lembrar, aqui, que movimento feminista é um movimento político muito importante de ser entendido quando se quer confrontar os condicionamentos da sociabilidade capitalista contemporânea, a qual através dos parâmetros instituídos pelas ideologias do patriarcado estabelece comportamentos distintos para homens e mulheres na esfera doméstica, no trabalho, na política, entre outras.

O movimento feminista se iniciou no período da Revolução Francesa, pois foi nesse momento histórico onde ocorreram os primeiros passos das mulheres na luta por seus direitos como sujeitos políticos. Conforme Gurgel (2010, p. 1):

[...] o Feminismo desde sua primeira expressão, como sujeito político das mulheres, na França, em 1789, vem se reafirmando como um movimento social que, assim como outros, desenvolve ações de ruptura estrutural-simbólica com os mecanismos que perpetuam as desigualdades sociais e estruturam os pilares da dominação patriarcal capitalista na contemporaneidade.

Porém, a luta das mulheres neste período, restringia-se apenas a reivindicações dos seus direitos civis e políticos, e principalmente, pela igualdade e liberdade para todos. No que toca a luta pela igualdade no trabalho, mesmo que tenham contado com o apoio do movimento dos trabalhadores na época, foi no mundo do trabalho que elas se depararam com fortes resistências, isto, em face da desvalorização dos trabalhos por elas realizados.

Na medida em que as mulheres conquistavam mais espaços, fortaleciam suas militâncias e davam novo significado a concepção de gênero na sociedade. Por isso, as mesmas não se deixaram abalar e, intensificaram suas reivindicações pela efetivação dos seus direitos.

No Brasil, o movimento feminista nas décadas de 1960 e 1970, devido ao Regime de Ditadura Militar, não avançou e nem se aprofundou com suas reivindicações. O feminismo aliou-se a outros movimentos na busca pela “redemocratização” do país naquele período.

Destarte, nos anos de 1980, observou-se que o feminismo passou por uma reorganização contrária a uma tendência unificadora. Uma espécie de “feminismo temático” apareceu em instituições que tratavam de demandas específicas da mulher.

No cenário dos anos de 1980 a militância das feministas se deu em torno da efetivação da autonomia das mulheres, como sujeitos políticos. Assim, segundo Gurgel (2010, p.7)

[...] o questionamento em torno da autonomia também se desenvolveu em torno do reconhecimento das diferentes opressões vivenciadas pelas mulheres e do seu núcleo comum que possibilita a construção de uma identidade coletiva. Fenômeno este que provocou uma atualização das demandas feministas alimentando seu questionamento da totalidade da vida social, com a centralidade do confronto ao patriarcado, ao capitalismo e as formas tradicionais do fazer política, radicalizando

a contradição entre os interesses das mulheres, o papel do Estado e os interesses de classe.

No tocante à década de 1990, “[...] o feminismo passa por grandes mudanças em sua identidade organizativa.” (GURGEL, 2010, p. 7), devido às investidas do neoliberalismo e as contrarreformas do Estado no país.

Em síntese retomamos a afirmação de que para o feminismo a luta deve responder a elementos de mudanças internas, com a construção de espaços amplos de articulação e lutas políticas que consigam mobilizar cada uma das mulheres mediante o reconhecimento de sua particularidade de ser e ao mesmo tempo, a partir do reconhecimento das múltiplas determinações que compõem suas experiências de mulher, perpassando, portanto as dimensões de classe, raça, geração, sexualidade, afetividade entre outras questões (Idem, p. 8).

Em resumo, as discussões aqui realizadas refletem um forte retrocesso em relação às conquistas alcançadas pelos movimentos sociais através do coletivo feminino. O atual cenário traduz um quadro sociopolítico, econômico e cultural que tem intensificado os desmontes nas políticas sociais, culminando, desse modo num retrocesso ao campo pertinente aos direitos da classe trabalhadora. Direitos esses que derivaram de frentes de lutas travadas entre capital e trabalho ao logo da história da humanidade nos seus diferentes modos de produção.

3 | ANÁLISES DAS DISSERTAÇÕES DE MESTRADO NA ÁREA DE POLÍTICA SOCIAL DO PPGSS NOS ANOS DE 1982 A 2010

No tocante ao percentual de Dissertações vinculadas nas duas áreas de concentração do PPGSS/UFPA entre os anos 1982 a 2010, resultados relevaram a prevalência expressiva da área de concentração Política Social com 78,2% (183) Dissertações defendidas, e conseqüentemente, 21,7% (51) restantes vinculam-se à área de Fundamentação Teórico-Prática do Serviço Social.

Esse significativo percentual de produções acadêmicas em torno das Políticas Sociais no PPGSS/UFPA expressa uma tendência investigativa do Serviço Social brasileiro, já constatado em inúmeras pesquisas e publicações. A interlocução do Serviço Social com as Políticas Sociais no Brasil inicia nas três últimas décadas do século XX e, no início do século XXI, essa relação consolida-se. Quanto ao avanço no debate entre Serviço Social e Política Social,

Isso pode ser explicado pela alteração nos sistemas de proteção social brasileiros, após o retorno do país ao Estado de Direito, em 1985 [...] Estabelece-se um amplo processo de produção de conhecimento em torno da política social, que tem se constituído em um pilar central na consolidação do Serviço Social como área de conhecimento no campo das ciências sociais. Este fato favoreceu tanto a inserção da profissão e de seus profissionais no embate político da sociedade brasileira como, também, a discussão sobre a intervenção profissional dos assistentes sociais no terreno da política social. (MIOTO; NOGUEIRA, 2013, p.62).

A tabela a seguir, traz a incidência das categorias temáticas que perpassam as Dissertações analisadas nesse estudo.

Categorias Temáticas	Anos		Anos		Anos		Total	
	80		90		2000			
	N	%	N	%	N	%	N	%
Gestão / Avaliação	01	5,5	04	7,6	20	17,6	25	13,6
Trabalho	01	5,5	07	13,4	15	13,2	23	12,5
Assistência (Termo amplo)	-	-	11	21,1	10	8,8	21	11,4
Gênero	01	5,5	05	9,6	11	9,7	17	9,2
Movimentos Sociais	07	38,8	08	15,3	-	-	15	8,1
Saúde	-	-	02	3,8	06	5,3	08	4,3
Questão Social	01	5,5	-	-	06	5,3	07	3,8
Inclusão Social	-	-	-	-	07	6,1	07	3,8
Proteção Social	-	-	-	-	07	6,1	07	3,8
Criança e Adolescente	-	-	01	1,9	05	4,4	06	3,2
Estado e Sociedade Civil	02	11,1	03	5,7	01	0,8	06	3,2
Terceiro Setor	-	-	-	-	05	4,4	05	2,7
Família	-	-	-	-	04	3,5	04	2,1
Questão agrária	-	-	03	5,7	01	0,8	04	2,1
Sindicalismo	01	5,5	02	3,8	-	-	03	1,6
Educação	-	-	02	3,8	01	0,8	03	1,6
Juventude	-	-	-	-	03	2,6	03	1,6
Pobreza	-	-	-	-	02	1,7	02	01
Preconceito	-	-	-	-	02	1,7	02	01
Desenvolvimento Rural	02	11,1	-	-	-	-	02	01
Violência	01	5,5	-	-	-	-	01	0,5
Religião	-	-	01	1,9	-	-	01	0,5
Psicologia	-	-	01	1,9	-	-	01	0,5
Segurança Pública	-	-	-	-	01	0,8	01	0,5
Seguridade Social	-	-	-	-	01	0,8	01	0,5
Não Identificado	01	5,5	02	3,8	05	4,4	09	4,9
Total	18	100	52	100	113	100	183	100

Tabela 1 – Frequência de ocorrências das categorias temáticas analisadas nas Dissertações de Mestrado vinculadas à área Política Social do PPGSS/UFPB. João Pessoa/PB, 2016 – 2017.

Fonte: PPGSS/UFPB, 1982 a 2010.

Conforme demonstra a tabela acima, a categoria temática gênero tem uma incidência de 9,2% (17) obras defendidas, ficando em quarto lugar das categorias mais estudadas, tendo nos anos de 1980 uma incidência de 5,5% (01) obras, em 1990 9,6% (05) obras e nos anos 2000 tem 9,7% (11) obras, demonstrando que essa categoria tem crescido nos estudos do serviço social.

O desenvolvimento de políticas públicas de gênero no Brasil ocorreu no processo de redemocratização, significou a incorporação de novos temas na agenda

governamental e inclusão de novos atores no cenário político. “Assim, à medida que a democratização avançava, passou-se a formular propostas de políticas públicas que contemplassem a questão gênero” (FARAH, 2004, p. 130).

Nos anos 90, sob a Reforma do Estado, as políticas públicas são reformuladas, sobre os princípios de descentralização, não como partilha de poder entre os entes federativos, mas como uma desresponsabilização do Estado frente às demandas e responsabilização da sociedade civil, e a focalização, que incide diretamente na questão de gênero, pois as ações são voltadas prioritariamente as mulheres pobres que estão em vulnerabilidade social.

Ressalta-se que,

[...] as políticas públicas de gênero, ao incorporarem o conceito de gênero e discutirem suas implicações na promoção de políticas públicas, trazem para o campo que situa a realidade de intervenção tanto os conflitos que perpassam as relações sociais entre homens e mulheres e também as desigualdades produzidas e reproduzidas culturalmente entre os mesmos, com base no discurso das diferenças biológicas. (LISBOA, 2010, p. 6).

E políticas para mulheres, tendem a manter a desigualdade entre homens e mulheres, pois focalizam suas ações, tendo em vista a atuação da mulher como mãe, esposa, filha, dentro do contexto do lar.

Área de Conhecimento	Nº	%
Serviço Social	04	23,5
Sociologia do Trabalho	04	23,5
Sociologia Urbana	04	23,5
Saúde	03	17,6
Educação	01	5,8
Sociologia Rural	01	5,8
Total	17	100

Tabela 2 - Frequência de ocorrências das áreas de conhecimento da amostra de 17 Dissertações de Mestrado que tratam da categoria gênero do PPGSS/UFPB. João Pessoa/PB, 2016– 2017.

Fonte: PPGSS/UFPB, 1982 a 2010.

Como demonstra a tabela, temos a incidência das áreas de conhecimento que a amostra de 17 Dissertações de Mestrado que tratam da categoria gênero, tendo as áreas de conhecimento Serviço Social, Sociologia do Trabalho e Sociologia Urbana apresentado 23,5% (04) de ocorrência. Seguindo-se de saúde com 17,6% (03), e educação e Sociologia Rural 5,8% (01) de ocorrência.

Evidencia-se que o Serviço Social, segundo Netto (1996, p.12) “[...] enquanto profissão, não é uma ciência nem dispõe de teoria própria [...], mas por atuar na realidade social, dialogam com outras áreas de conhecimento e produzem conhecimento [...] de natureza teórica, incorporáveis pelas ciências sociais e humanas.” Sendo esse o

motivo da presença das seis áreas referidas na tabela 03. Isso também demonstra a multidisciplinaridade da categoria gênero, pois essa categoria perpassa todas as relações.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em termos conclusivos, é importante ressaltar alguns aspectos que foram observados a partir dos procedimentos metodológicos empregados na sua produção. Cabe mencionar que se teve em todo decorrer dessa investigação a finalidade de contribuir com o acervo de aportes teóricos alusivos ao debate do tema em discussão.

A categoria gênero, embora tenha tido desencontros com o Serviço Social, vem ganhando espaço dentro da produção do conhecimento da profissão e na intervenção profissional no seu espaço ocupacional.

Neste processo investigativo sobre as Dissertações de Mestrado do PPGSS/UFPB, vinculadas à área de Política Social que abordam gênero no recorte temporal de 1982 a 2010, pôde-se constatar que o maior número das 17 produções analisadas embasou-se no legado marxista e marxiano. Nessa direção, essa comprovação aponta que o legado marxista continua hegemônico na produção do conhecimento no Programa de pós-graduação supracitado.

Conclui-se que no tocante a temática Gênero, a qual envolve feminismo, movimento LGBT, homofobia, sexualidade, educação sexual, direitos humanos, violência dentre outros; no presente estudo dentre as 17 Dissertações analisadas e as subcategorias temáticas mais incidentes identifica-se que questões relacionadas ao movimento/população LGBT não foi discutida dentre as obras. Entende-se que as primeiras conferências, documentos e políticas voltados a esse segmento da sociedade civil só têm maior fomento a partir 2004, justificando a falta de produção de conhecimento na área.

REFERÊNCIAS

CAMURÇA, Sílvia; GOUVEIA, Taciana. **O que é gênero**. SOS Corpo, 4. ED. Recife, 2004.

DIAS, Daiana Nardiro. **O estado da Arte sobre Gênero no Serviço Social**. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2014.

FARAH, Maria Ferreira Santos. Políticas Públicas e Gênero. *In*: GODINHO, Tatau (org.). SILVEIRA, Maria Lúciada (org.). **Políticas Públicas e igualdade de Gênero**. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2004 (Cadernos da Coordenadoria Especial da Mulher, 8), p. 127 – 142.

GURGEL, Telma. Feminismo e Luta de Classe: história, movimento e desafios teórico-políticos do feminismo na contemporaneidade. *In*: **Fazendo Gênero 9 Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**. 2010.

LISBOA, Teresa Kleba. Gênero, feminismo e Serviço Social: encontros e desencontros ao longo da

história da profissão. In: **Revista Katálýsis**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 66-75, jan. 2010.

MIOTO, Regina Celia Tamasso; NOGUEIRA Vera Maria Ribeiro. Política Social e Serviço Social: os desafios da intervenção profissional. In: **Revista Katálýsis**, Florianópolis v.16 n.º.esp. p.61-71, 2013.

NETTO, José Paulo. Transformações societárias e Serviço Social: Notas para uma análise prospectiva da profissão no Brasil. In: **Serviço Social e Sociedade** – São Paulo, n.º 50 – ANO XVII, p. 87 – 132, abril, 1996.

OLIVEIRA, Leidiane; MEDEIROS, Milena. Capitalismo, Patriarcado e Serviço Social: reivindicações feministas na agenda profissional contemporânea. In: **Revista Temporalis** n. 29. Brasília, 2015.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As Pesquisas Denominadas do Tipo "Estado da Arte" em Educação. In: **Revista Diálogo Educacional**, vol. 6, núm. 19. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. septiembre-diciembre, 2006, pp. 37-50. Disponível em: <http://www.chcbeira.pt/download/AS%20pesquisas%20denominadas%20do%20tipo%20estado%20da%20arte.pdf>.

SOBRE A ORGANIZADORA

Solange Aparecida de Souza Monteiro - Mestre em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do grupo de pesquisa - GESTELD- Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5670805010201977>

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aborto 16, 19, 174, 230, 231, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 320, 337, 338
Amor 75, 98, 140, 177, 182, 185, 187, 189, 190, 192, 193, 201, 202, 204, 277, 278, 280, 313, 314, 318, 323, 326, 329, 339, 353, 354, 359, 380, 384, 385, 388, 390
Arte 48, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 65, 137, 144, 146, 175, 219, 220, 228, 229, 241, 279, 283, 284, 285, 286, 289, 290, 309, 353, 388, 390, 395, 399

B

Boneca 152, 153, 156, 159, 258, 262, 263

C

Capitalismo Falocêntrico 360, 362, 368

Comunicação 2, 8, 12, 18, 19, 24, 63, 73, 98, 112, 131, 146, 156, 245, 246, 247, 265, 269, 275, 283, 308, 310, 343, 347, 348, 358, 359, 360, 361, 362, 368, 369

Construção Social 71, 99, 254, 255, 320, 371

Corpo 9, 11, 14, 25, 45, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59, 61, 67, 68, 71, 76, 78, 82, 84, 92, 93, 94, 97, 107, 115, 116, 118, 138, 145, 155, 160, 167, 168, 174, 182, 203, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 228, 232, 233, 234, 241, 259, 264, 265, 266, 268, 270, 272, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 284, 285, 289, 293, 294, 295, 298, 301, 303, 307, 311, 313, 314, 315, 317, 318, 319, 320, 325, 327, 328, 329, 338, 348, 349, 350, 351, 352, 354, 356, 357, 358, 359, 361, 371, 373, 374, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399

D

Diversidade Sexual 2, 22, 24, 174, 331, 332, 334, 335

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 35, 44, 58, 63, 77, 85, 88, 89, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 110, 115, 118, 135, 136, 137, 138, 140, 144, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 160, 161, 163, 165, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 193, 202, 218, 222, 226, 227, 228, 229, 238, 242, 243, 244, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 262, 264, 265, 269, 271, 279, 281, 282, 291, 292, 293, 294, 298, 302, 303, 304, 305, 309, 310, 315, 316, 318, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 358, 370, 388, 391, 394, 398
Enfermagem 70, 73, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 97, 101, 192, 198, 217, 218, 309, 310
Escola 2, 4, 9, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 23, 24, 32, 33, 34, 51, 70, 81, 109, 136, 140, 145, 146, 147, 151, 154, 160, 161, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 178, 201, 223, 249, 250, 252, 253, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 264, 272, 281, 282, 290, 291, 292, 293, 294, 297, 298, 299, 301, 302, 304, 305, 306, 309, 310, 318, 324, 339, 341, 345, 347, 388
Ética 7, 10, 75, 81, 83, 84, 102, 199, 205, 218, 240, 272, 310, 313, 330, 337, 338, 341, 362, 382, 396

F

Feminilidade 72, 78, 107, 112, 114, 115, 116, 144, 206, 208, 210, 212, 214, 216, 218, 252, 254, 255, 311, 317, 364, 366

Feminino 20, 24, 38, 40, 41, 45, 46, 62, 63, 64, 65, 66, 71, 72, 78, 79, 89, 99, 100, 104, 105, 115, 116, 117, 120, 121, 125, 126, 127, 129, 130, 133, 144, 149, 162, 170, 182, 188, 189, 191, 193, 195, 207, 208, 210, 215, 218, 221, 223, 225, 232, 233, 234, 237, 240, 241, 243, 245, 250, 253, 254, 255, 259, 267, 277, 279, 284, 285, 286, 288, 289, 292, 299, 311, 313, 314, 317, 318, 319, 320, 322, 325, 328, 331, 332, 334, 335, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 374, 378, 379, 381, 383, 385, 387, 388, 389, 390, 393, 396, 397, 398

Feminismo 37, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 47, 83, 117, 118, 134, 136, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 150, 165, 167, 170, 179, 184, 221, 222, 224, 225, 228, 323, 330, 366, 367

Formação docente 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 23, 135, 136, 139, 144, 145, 147, 148, 254, 256, 257, 258, 259, 260

G

Gênero 11, 12, 15, 16, 17, 20, 22, 24, 25, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 55, 59, 60, 62, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 85, 89, 93, 97, 98, 99, 101, 104, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 127, 129, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 159, 160, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 181, 185, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 200, 205, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 231, 232, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 272, 283, 284, 285, 286, 287, 289, 290, 292, 295, 299, 305, 307, 311, 316, 320, 322, 328, 329, 330, 331, 332, 334, 335, 340, 341, 342, 343, 347, 350, 361, 362, 364, 366, 367, 368, 370, 371, 373, 374, 375, 376, 377, 383, 384, 387, 388, 389, 397, 399

H

História da Educação 12

HIV 84, 100, 101, 198, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 334, 335, 336, 340

Homofobia 143, 174, 228

Humanização em Saúde 70

I

Identidade de gênero 55, 70, 71, 74, 77, 80, 81, 172, 221

Infância 4, 27, 31, 32, 33, 108, 109, 152, 153, 154, 155, 157, 159, 160, 161, 192, 203, 205, 249, 255, 256, 272, 273, 274, 281, 282, 324, 326, 332, 392

IST 96, 98, 99, 100, 101, 291, 293, 294, 295, 303, 305, 334, 335

J

Juventude 67, 226, 295, 296, 331, 335, 349, 350, 351, 352, 358

L

Ludicidade 152

M

Masculinidade 90, 96, 99, 100, 101, 107, 114, 117, 144, 152, 250, 252, 254

Masculino 20, 36, 41, 63, 66, 68, 71, 89, 91, 96, 97, 99, 100, 101, 103, 104, 107, 109, 110, 114, 117, 128, 129, 130, 142, 143, 151, 152, 153, 159, 160, 162, 167, 169, 188, 189, 192, 193, 199, 223, 243, 250, 253, 254, 255, 259, 277, 279, 285, 288, 292, 299, 300, 318, 319, 322, 323, 328, 349, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 378, 380, 382, 383, 387, 388, 389, 390, 392, 396, 397

Mulher 20, 30, 31, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 66, 67, 68, 72, 78, 79, 84, 91, 94, 96, 99, 110, 112, 115, 116, 117, 119, 127, 132, 134, 138, 140, 141, 142, 143, 144, 148, 155, 162, 163, 167, 168, 169, 170, 174, 178, 180, 181, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 206, 207, 208, 210, 211, 214, 215, 216, 217, 218, 223, 224, 225, 227, 228, 230, 232, 233, 235, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 257, 263, 267, 278, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 307, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 324, 325, 326, 335, 348, 349, 356, 358, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 370, 371, 373, 374, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 390, 391, 392, 393, 396, 397, 398

Mulheres Negras 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 137, 138, 139, 140, 143, 147, 150, 151, 179, 180, 182, 183, 309, 314

N

Nudez 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 58, 59

P

Pedagogia 3, 4, 12, 23, 24, 25, 161, 171, 175, 177, 242, 248, 249, 251, 252, 253, 254, 256, 257, 258, 259, 264, 265, 281, 282, 376

Pessoa travesti 70, 77

Poder 11, 18, 26, 27, 28, 32, 35, 40, 43, 45, 46, 47, 49, 61, 63, 68, 82, 100, 110, 114, 117, 124, 126, 128, 129, 132, 142, 143, 144, 150, 155, 161, 174, 176, 181, 182, 188, 189, 190, 191, 192, 227, 230, 232, 233, 235, 239, 240, 255, 264, 266, 268, 269, 270, 284, 285, 287, 290, 311, 312, 314, 316, 318, 319, 320, 323, 328, 329, 350, 354, 365, 366, 370, 371, 373, 374, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 383, 384, 385, 387, 395

Psicologia 14, 25, 46, 84, 97, 161, 179, 182, 192, 205, 216, 217, 218, 226, 230, 282, 309, 310, 320, 347, 387, 389, 392, 399

R

Racismo 37, 38, 39, 40, 41, 43, 44, 46, 135, 136, 137, 146, 151, 178, 342, 343

S

Sexismo 37, 40, 41, 160, 178, 223

Sexo 1, 38, 40, 41, 61, 66, 68, 77, 83, 84, 91, 98, 101, 103, 104, 105, 108, 110, 118,

129, 130, 134, 143, 160, 164, 165, 167, 168, 169, 174, 185, 189, 223, 237, 240, 241, 250, 253, 257, 258, 259, 261, 262, 263, 272, 273, 277, 279, 287, 292, 293, 294, 299, 300, 304, 305, 306, 307, 308, 313, 315, 317, 318, 319, 320, 322, 329, 336, 342, 354, 357, 358, 361, 363, 364, 365, 366, 367, 369, 378, 379, 380, 382, 385, 388, 392, 393
Sexualidade 1, 2, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 50, 58, 71, 73, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 141, 143, 144, 153, 155, 157, 160, 162, 163, 165, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 177, 208, 210, 218, 223, 225, 228, 232, 233, 249, 251, 259, 261, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 279, 280, 281, 282, 291, 292, 293, 294, 298, 302, 303, 304, 307, 309, 310, 311, 314, 317, 318, 319, 320, 322, 324, 325, 328, 329, 330, 337, 338, 339, 340, 341, 344, 347, 348, 349, 350, 354, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 366, 368, 384, 393, 399

Subjetividade Lésbica 322, 325

V

Velhice 84, 316, 348, 349, 351, 352, 354, 356, 357, 358, 359

Violência 9, 11, 21, 29, 37, 40, 60, 61, 63, 64, 65, 68, 70, 79, 80, 84, 89, 93, 132, 134, 163, 167, 168, 176, 177, 183, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 192, 193, 223, 226, 228, 230, 232, 237, 239, 240, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 282, 283, 284, 287, 289, 290, 302, 314, 319, 320, 322, 323, 325, 330, 335, 342, 343, 345, 368, 371, 374, 375, 376, 377, 382, 384, 391

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-609-6

